



EXPULSANDO COBRAS E DEMÔNIOS

SÍNDROME GU

UMA ABORDAGEM CLÍNICA ESQUECIDA AO PARASITISMO CRÔNICO

PARTE II – FINAL

Texto Original
Heiner Fruehauf

www.classicalchinesemedicine.org/

Tradução
Marcelo Sansone

Supervisão e Revisão :
Ephraim Ferreira Medeiros

Projeto

www.medicinaclassicachinesa.org

O Tratamento da Síndrome Gu: Uma Abordagem Esquecida

Uma diversidade de abordagens terapêuticas são sugeridas na literatura Gu tradicional. Algumas delas são mantras e encantamentos que revelam a influência da medicina Daoísta, mas a maioria delas são fórmulas de ervas. Na ausência de ensaios clínicos modernos sobre as infecções parasitárias eu achei extremamente útil examinar tanto os aspectos práticos como teóricos dessas abordagens honradas pelo tempo.

O Mestre Ranxi (Ranxi Daoren), um curandeiro Daoísta da dinastia Qing que se especializou no tratamento da síndrome Gu, salientou que as infecções parasitárias crônicas são muito resistentes e difíceis de serem tratadas. “As toxinas Gu que entraram no núcleo de um ser humano pode ser comparado ao óleo vazando na farinha – está em todo lugar e não pode ser separado um do outro.” (17) Ele mostra que, apesar desta desordem ser perigosa e afetar o paciente em todos os níveis de existência, ele ou ela podem viver nesta situação para sempre sem necessariamente morrer dela. Ele compara a situação a árvores que abrigam pássaros e insetos em várias partes de sua estrutura. Dependendo do estado geral de saúde da árvore, esta condição pode não necessariamente causar o desaparecimento de todo o organismo.

Abordagens tradicionais, portanto, sempre levam em consideração o estado do Qi original do paciente (Yuan Qi). Pacientes que se infectaram recentemente pelo veneno Gu e ainda são fortes, podem teoricamente ser tratados com purgativos, eméticos e outros métodos de remoção de excesso. Os tipos que já possuem um enfraquecimento sistêmico, entretanto, a maioria encontrados em um contexto Ocidental na forma de pacientes sofrendo de doenças fúngicas, protozoárias e/ou virais crônicas, devem ser tratados com uma combinação de remédios anti-Gu e uma seleção especial de tônicos que aumentem o Qi Original do corpo. Estes tônicos devem servir o propósito duplo de fortalecer as defesas do paciente enquanto mostram um efeito anti-parasitário ao mesmo tempo. Os especialistas tradicionais de Gu concordam que tônicos comuns, especialmente o ginseng, nunca devem ser utilizados, pois eles fortalecem a fonte vital e a atividade dos “espíritos Gu”. Alguns textos até atribuem uma reação violenta de um paciente ao ginseng como uma das principais características diagnósticas da doença. Muitas das fórmulas sugeridas seguem o guia Yijing onde estagnações severas devem ser tratadas de forma igualmente agressiva, especificamente através da inclusão de materiais tóxicos como o Xiong Huang (Realgar), Fu Zi (Radix Aconiti Carmichaeli Praeparatae), Liu Hunag (Enxofre), Ba Dou (Semen Croton Tiglii) e Wu Gong (Scolopendra Subspinpes). Outros métodos, apesar de não tóxicos, são impraticáveis no cenário moderno do Ocidente, como a administração de graxa de roda de carro ou vermes moídos que escaparam dos orifícios de uma pessoa morta recentemente. Muitas fórmulas, entretanto, consistem em ervas que são facilmente obtidas no Ocidente e de uso seguro a longo prazo.

Um levantamento feito na literatura nos dá as seguintes categorias e ervas representativas utilizadas na terapia Gu.

1. Dispersar as toxinas Gu (com ervas diaforéticas) (san du)

Zi Su Ye (Folium Perillae Frutescentis), Bo He (Herba Menthae), Bai Zhi (Radix Angelicae), Lian Qiao (Fructus Forsythiae Suspensae), Gao Ben (Rhizoma et Radix Ligustici Sinensis), Sheng Ma (Rhizoma Cimicifugae) e Ju Hua (Flos Chrysanthemi Morifolii).

Esta é a categoria crucial no tratamento tradicional do Gu. Na minha opinião é também uma que pode em potencial melhor ajudar os praticantes modernos, já que as abordagens contemporâneas contra os parasitas são geralmente desprovidas deste elemento. Particularmente a Perilla (tanto as folhas quanto a semente – Zi Su Ye e Su Zi), Bo He e Bai Zhi são extremamente visíveis nas formulas tradicionais para Gu. Suas propriedades indutoras de sudorese são mais fracas que as ervas diaforéticas padrão como Ma Huang (Herba Ephedrae) ou Gui Zhi (Ramulus Cinnamomi Cassiae), e elas são imbuídas com uma forte fragrância – uma energia yang penetrante que, como uma luz difusa, é capaz de permear as fendas mais escuras do corpo onde os patógenos Gu se escondem. Pela mesma razão, a acupressão com óleo de menta era frequentemente recomendada. Especialistas tradicionais em Gu honraram este efeito saturante através da criação de uma nova categoria medicinal para esse trio de ervas, chamada “abrir o exterior com ervas que matam cobras” (shashe fabiao).

2. Matar parasitas (sha chong) e expulsar os demônios (qu gui)

Da Suan (Bulbus Alli Sativi), Yu Jin (Tuber Curcumae), Ku Shen (Radix Sophorae Flavescentis), Huai Hua (Flos Sophorae Japonicae Immaturus), She Chuang Zi (Fructus Cnidii Monnieri), Jin Yin Hua (Flos Lonicerae Japonicae), Qing Hao (Herba Artemisiae Apiaceae), Shi Chang Pu (Rhizoma Acori Graminei), Ding Xiang (Flos Caryophylli), He Zi (Fructus Terminaliae Chebulae), Lei Wan *Sclerotium Omphaliae Lapidescens), Bing Lang (Semen Arecae Catechu), Ku Gua (Momordica Charantia) e Chuan Shan Jia (Squama Manitis Pentadactylae). Alho cru (Da Suan), em particular o alho roxo de dente único de Sichuan, é geralmente recomendado como um dos remédios mais efetivos para a Síndrome Gu. Camponeses e viajantes da China moderna ainda consomem uma dose diária de alho cru para se proteger do desconforto intestinal. O tratamento externo da síndrome Gu geralmente envolve a estimulação de todos ou alguns dos 13 “pontos dos demônios” (gui xie) através da queima de moxa em cima de fatias de alho. É interessante notar que o alho era também considerado uma medicação primária “anti-mal” na maioria das tradições ocidentais. Muitos de nós se recordam de cenas de filmes ou romances onde a vítima aterrorizada se agarra ao seu suprimento de alho para afastar os vampiros que se aproximam.

3. Acalmar o espírito (através da nutrição do Qi e do Yin do Pulmão e do Coração) (an shen)

Huang Jing (Rhizome Polygonati), Bai He (Bulbus Lilii), Bei Sha Shen (Radix Glehniae Littoralis), Xuan Shen (Radix Scrophulariae Ningpensis), Sheng Di Huang (Radix Rehmanniae Glutinosae), Xi Yang Shen (Radix Panacis Quinquefolii), Fu Shen (Poria Cocos Pararadicis Sclerotium) e Jiang Xiang (Lignum Dalbergiae Odoriferae). Os elementos chave nesta categoria são o Huang Jing e o Bai He; sendo a primeira carinhosamente chamada de a Essência da Terra pelos que buscavam a imortalidade e pelos praticantes Daoístas da alquimia externa como Hua Tuo, que consideravam-na tanto como um tônico energético com uma influência calmante na meditação quanto uma erva anti-parasitária; a outra se destacando no tratado do segundo século Jingui Yaolue (Fundamentos do Gabinete Dourado) para tratamento de doenças complexas, como a única erva efetiva contra a “doença do lírio”, um certo tipo de síndrome de histeria/ansiedade.

4. Tonificar o Qi e o Sangue (com substâncias pungentes/desintoxicantes) (bu qixue)

Dang Gui (Radix Angelicae Sinensis), Bai Shao (Radix Paeoniae Lactiflorae), He Shou Wu (Radix Polygoni Multiflori), Gan Cao (Radix Glycyrrhizae Uralensis), Huang Qi (Radix Astragali) e Wu Jia Pi (Cortex Acanthopanax Radicis). Aqui, se destacam o pungente Dang Gui e o desintoxicante Gan Cao. O He Shou Wu é melhor deixar para os casos com diarreia proeminente.

5. Mover o Qi e o Sangue (com ervas anti-parasitárias) (xingqi poju)

Chuan Xiong (Radix Ligustici Wallichii), Chai Hu (Radix Bupleuri), E Zhu (Rhizoma Curcumae Zedoariae), San Leng (Rhizoma Sparganii), Chen Pi (Pericarpium Citri Reticulatae), Mu Xiang (Radix Saussureae seu Vladimirae), Ze Lan (Herba Lycopi Lucidi) e San Qi (Radix Notoginseng). Enquanto estas ervas mostram novamente qualidades anti-parasitárias, elas são cruciais para alívio dos sintomas como estufamento, inchaço e dor. Além disso, elas tratam a estagnação causada pela formação de feridas internas e dos encistamentos habituais dos organismos parasitas, especialmente os protozoários.

Uma fórmula abrangente que sintetiza esta abordagem multi-nível, devido aos ingredientes não tóxicos disponíveis, sendo uma promessa na clínica moderna, é a Su He Tang (Decocção de Perilla e Menta) [para ambas prescrições ver Apêndice 1] registrada no Zhigu Xinfang (Novas Abordagens para Terapia Gu) (18). Este trabalho da dinastia Qing também descreve algumas recomendações nutricionais úteis [ver Apêndice 3] que inclui uma visão moderna do consumo de açúcar, frutas e outras comidas doces que aumentam o desenvolvimento de leveduras e outros tipo de organismos parasitários e por isso devem ser evitados. Deve ser enfatizado que, semelhante à prática de alternância de alimentos necessários em pacientes comprometidos, Su He Tang ou prescrições similares são melhores modificadas a cada uma a seis semanas, dependendo do grau de sensibilidade do paciente. Baseado na minha experiência clínica eu recomendo usar a categoria de “erva Gu” descrita acima como esquema padrão. Tipicamente, é melhor sempre incluir pelo menos duas ervas de cada categoria, e mudar pelo menos uma delas quando a prescrição é modificada.

A Síndrome Gu na Prática Clínica Moderna

Transportada para a clínica moderna, esta terapia Gu altamente refinada, apesar de esquecida, tem o potencial de se tornar uma abordagem válida para uma ampla variedade de desordens. Muitos praticantes da Medicina Oriental são geralmente confrontados com “pacientes misteriosos” que sofrem de uma multiplicidade de sintomas mentais e físicos que não podem ser claramente diagnosticados nem pela medicina alopática ou pela Medicina Tradicional Chinesa. Muitos destes pacientes são rotulados com epítetos “não sei como chamar isso”, como síndrome da fadiga crônica, fibromialgia, síndrome de Epstein-Barr, síndrome do cólon irritável, doença de Lyme, e, em certos casos, lupus e esclerose múltipla.

Similarmente a abordagem Gu tradicional, muitos pesquisadores modernos reivindicam que este tipo de paciente é na maioria dos casos atingido por uma infecção fúngica sistêmica (primariamente candidíase), infecção parasitária sistêmica, infecção viral crônica ou uma combinação delas. Tratamentos modernos para infecções sistêmicas fúngicas, parasitárias ou virais, entretanto, não tem o benefício de ter sido desenvolvida contra um pano de fundo de 2500 anos de experiência clínica. Terapias ocidentais para estas desordens (e isto tende a ser verdade tanto para as medicações alopáticas quanto para as medicações alternativas) são geralmente baseadas na suposição simplória de que os microrganismos parasitas representam um tipo de excesso que deve ser eliminado. Drogas como Flagyl, Nistatina e Diflukin, assim como produtos alternativos baseados no extrato da semente de grapefruit (toranja), extrato de casca de noqueira, ácido caprilico e similares, podem melhorar a situação temporariamente, mas são geralmente abrasivos e por isso não podem ser tolerados por longos períodos de tempo pela constituição enfraquecida do paciente. Outro problema potencial com a abordagem militar é que isto pode ser na verdade parcialmente responsável pela ocorrência da síndrome Gu nos tempos modernos. Gu, por definição, não é uma infecção parasitária comum, mas uma condição que enfraquece o organismo inteiro por ter natureza sistêmica. Pesquisas recentes documentaram que drogas anti-parasitárias fortes, apesar de a princípio eliminar com sucesso uma parte dos invasores do trato digestivo, ela pode forçar leveduras e organismos parasitários a tornarem-se sistêmicos e causar a destruição dos tecidos e órgãos internos do corpo.(19)

Neste contexto, dois elementos da abordagem Gu antiga são os mais instrutivos para nós. Um é a percepção precoce que as condições sistêmicas são “como óleo que foi derramado na farinha” e por isso requer um regime terapêutico complexo que dura por meses até anos. Pesquisas modernas estão começando a confirmar que parasitas impregnados formam uma ligação simbiótica complexa com todos os aspectos de nosso sistema, e estão geralmente introduzidos em vias vitais de nossas redes de respostas imunológicas e hormonais. É difícil desfazer este equilíbrio crítico entre o sucesso máximo do parasita e manter a sobrevivência do hospedeiro, já que os dois sistemas se comportam como um só. Alguns de nossos desejos

alimentares, por exemplo, podem na verdade refletir as necessidades nutricionais de nossos hóspedes parasitas.

Uma outra descoberta é a visão verdadeiramente holística que o parasitismo crônico sempre envolve uma combinação de deficiência e excesso. A premissa básica é relatada em todos os textos Gu, incluindo o Capítulo Jueyin no Shanghan Lun (Tratado de Desordens Causadas pelo Frio). Médicos chineses reconheceram precocemente que uma vez que o paciente progrida além do ponto da infecção aguda, modalidades de remover excessos como a purgação geralmente deixam um resíduo de patógenos para trás. Se a luz da força vital organismo de um indivíduo foi restaurada, entretanto, ela pode alcançar um ponto de vigilância extrema novamente e ser capaz de tirar dos esconderijos todos os organismos ocultos dentro do corpo. As pesquisas atuais confirmaram plenamente o pressuposto de que a probabilidade e severidade das aflições parasitárias estão diretamente ligadas à força ou fraqueza de nosso sistema imunológico. (21)

Ao mesmo tempo, os médicos antigos perceberam que os tônicos energéticos padrões como o Gui Pi Tang (Decocção para Restaurar o Baço) ou o Bu Zhong Yi Qi Tang (Decocção de Tonificar o Aquecedor Médio e Aumentar o Qi) tendem agravar os sintomas como inchaço e inquietação. As abordagens tradicionais do Gu, portanto, são o resultado de um programa cuidadosamente elaborado, que utilizam i. Movimentadores de sangue como Chuan Shan Jia (*Squama Manitis Pentadactylae*) para “empurrar através das barreiras de sangue e fleuma acumulados, expondo os parasitas e tornando-os vulneráveis ao ataque” (19); ii. Ervas aromáticas antiparasitárias que criam um meio não convidativo para os invasores; e finalmente iii. Substâncias tônicas que estimulam as próprias defesas do corpo que se alimentam de corpos estranhos. Para cada categoria, além disso, os terapeutas Gu encorajaram o uso de ervas que são também anti-parasitárias de uma forma ou outra. Elaboradas cuidadosamente, a Jia Jian Su He Tang e outras fórmulas Gu são capazes de tratar condições complicadas de parasitismo sistêmico ou síndromes crônicas virais em toda sua complexidade, e geralmente tendem a ser mais efetivas que a maioria das abordagens unidirecionais conhecidas até hoje.

Durante os últimos quatro anos, eu prescrevi variações do Su He Tang e especialmente do Jia Jian Su He Tang para aproximadamente 150 pacientes que foram diagnosticados com condições crônicas como *Entamoeba histolytica*, *Giardia*, *Blastocystis hominis*, *Candida albicans* e outros organismos parasitas, ou que simplesmente sofriam de uma multiplicidade de sintomas físicos e mentais que não podiam ser explicados por parâmetros médicos comuns. Eu posso dizer, sem hesitação, que os resultados clínicos obtidos com estes casos são promissores. Também posso dizer que elementos da abordagem Gu provaram ser uma inspiração para minha terapia de outros tipos de doenças difíceis e recalcitrantes como diverticulose, colite ulcerativa, câncer e AIDS. O uso frequente de ingredientes estranhos como Huang Jing (Rhizome *Polygonati*), Ku Shen (*Radix Sophorae Flavescentis*) e She Chuang Zi (*Fructus Cnidii Monnieri*) se tornaram uma marca registrada da minha prática herbária. A minha esperança sincera é que a sabedoria da abordagem Gu

tradicional possa se tornar inspiradora para outros praticantes que se especializam no tratamento de doenças complicadas.

Apêndice 1 : Prescrições de Ervas para Síndrome Gu

1. Su He Tang (Decocção de Perilla e Menta)

Fonte: Lu Shunde, Zhi Gu Xinfang (Novos Métodos para o Tratamento da Síndrome Gu), Dinastia Qing

Indicações: trata todos os tipos de Síndrome Gu incluindo as várias expressões de “cobra Gu” e “emagrecimento Gu” e desordens relacionadas ao Gu como distensão, inchaço, loucura, depressão e epilepsia. Os sintomas secundários incluem sintomas como os da gripe, tosse e outros sinais de Qi em contra corrente, ou parede abdominal tensa. Geralmente pode ser dito que esta decocção é criada para síndrome Gu que envolve um sufocante excesso de fogo interno (sinais importantes: urina escura, paciente geralmente piora após ingestão de tônicos).

Ingredientes e Administração

Bo He (Herba Menthae) 30g
Zi Su Ye (Folium Perillae Frutescentis) 30g
Tião Shen / Bei Sha Shen (Radix Glehniae Littoralis) 24g
Lian Qiao (Fructus Forsythiae Suspensae) 24g
Huang Qi (Radix Astragali) 21g
Dang Gui (Radix Angelicae Sinensis) 30g
Shen He Shou Wu (Unprocessed Radix Polygoni Multiflori) 30g
Bai Zhi (Radix Angelicae) 30g
Chuan Xiong (Radix Ligustici Wallichii) 15g
Jue Ming Zi (Sêmen Cassiae Torae) 15g
Huai Hua (Flos Sophorae Japonicae Immaturus) 30g
Bai Shao (Radix Paeoniae Lactiflorae) 15g
Chai Hu (radix Blupleuri) 18g
Qing Hǎo (herba Artemisiae Apiaceae) 30g
Sheng Yuanban / Sheng Di Huang (Radix Rehmanniae Glutinosae) 24g

Fazer decocção em água. Se for adicionado 6g de Sanqi (Radix Notoginseng) os resultados serão melhores. É importante trabalhar gradualmente a quantidade diária total ao longo de um período de 5-6 doses, caso contrário a toxina interna pode incendiar-se no paciente e causar inquietação, angústia, vômitos ou diarreia.

Notas Tradicionais: A fórmula original inclui o eufemismo tradicional que ela funciona “100 de 100 vezes”, quando utilizada em pacientes que sofrem de uma combinação de sintomas mentais e digestivos crônicos, desde que as toxinas Gu sejam a causa deles. Outras instruções ressaltam que a fórmula necessita ser administrada em quantidades geralmente altas para ser totalmente efetiva, mas o paciente deve chegar nessas quantidades gradualmente apenas (tais doses altas são recomendadas para pacientes com esquistossomose, muito menos basta para o cenário ocidental moderno; eu geralmente prescrevo de 50 a 120 gramas brutos das ervas ou o equivalente disso em grânulos de ervas por dia). O tratamento deve ser feito por um período de 3-9 meses, durante o qual ele deve ser modificado em intervalos regulares, embora possa ser interrompido por breves períodos. Para a pessoa com a condição constitucional de frio no Baço/Estômago que contraiu Gu pela segunda ou terceira vez, ou para alguém que tomou Su He Tang por um longo período e já se livrou de todo veneno Gu, o uso do Su He Tang é contra-indicado. Neste caso, os materiais que aquecem o centro e movimentam o Qi devem ser prescritos. Para pessoas constitucionalmente fracas, Jia Jian Su He Tang ou a combinação de Su He Tang e Jia Jian Su He Tang é recomendada.

2. **Jia Jian Su He Tang (Decocção de Perilla e Mentha Modificada)**

Indicações: Serve para todos os tipos de desordens Gu, desde que o sangue e o Qi do paciente sejam frágeis e não possam tolerar os materiais frios como Sheng Di Huang (*Radix Rehmanniae Glutinosae*), Xuan Shen (*Radix Scrophulariae Ningpoensis*), Huang Bai (*Córtex Phellodendri*), Lian Qiao (*Fructus Forsythiar Suspensae*), Huai Hua (*Flos Sophorae Japonicae Immaturus*), Qing Hão (*Herba Artemisiae Apiaceae*), Bai Shao (*radix Paeoniae Lactiflorae*), Chai Hu (*Radix Bupleuri*) etc., ou materiais quentes como o Rou Gui (*Córtex Cinnamomi Cassiae*) ou Fu Zi (*Radix Aconiti Carmichaeli Preparatae*).

Ingredientes e Administração

Zi Su Ye (*Folium Perillae Frutescentis*) 15g
Bo He (*Herba Menthae*) 15g
Dang Gui (*Radix Angelicae Sinensis*) 21g
Chuan Xiong (*radix Ligustici Wallichii*) 15g
Gan Cão (*Radix Glycyrrhizae Uralensis*) 15g
Zé Lan (*herba Lycopi Lucidi*) 6g
Bai Zhi (*Radix Angelicae*) 15g
He Shou Wu (*Radix Polygoni Multiflori*) 15g
Huang Qi (*Radix Astragali*) 15g
Bai He (*Bulbus Lilii*) 15g
Chen PI (*Pericarpium Citri Reticulatae*) 6g
San Leng (*Rhizoma Sparganii*) 6g
Yu Jin (*Tuber Curcumae*) 3g
Mu Xiang (*Radix Saussureae seu Vladimiraee*) 3g
Ding Xiang (*Flos Caryophylli*) 3g
Wu Jia PI (*Córtex Acanthopanax Radicis*) 15g
Adicionar 3 fatias de Sheng Jiang (*Rhizoma Zingiberis Officinalis Recens*).

Se o paciente ficar constipado após tomar o Jia Jian Su He Tang, mudar para o Su He Tang.

Apêndice 2: Instruções de Acupuntura/Moxabustão para a Síndrome Gu

Fonte: Qugu Ranxi Lu (Tratado do Mestre Ranxi para Expelir as Toxinas Gu), 1893.

- aplicar moxabustão indireta vigorosa com uma fatia de alho no ponto Gaoguangshu B-43.
- Aplicar moxabustão nos pontos Feishu B-13, Zusanli E-36 e Guikuxie (Ponto do Demônio das Lamentações)*
- A acupressão com preparações de mentol também é altamente recomendável, especialmente nos Treze Pontos dos Demônios (ou Fantasmas) (shisan guxie); também é possível puncturar seletivamente os Treze Pontos do Demônio:
 - Guigong (Palácio do Demônio): Renzhong VG-26
 - Guixin (Evidência do Demônio) Shaoshang P-11
 - Guilei (Pilar do Demônio) Yinbai BP-1
 - Guixin (Coração do Demônio) Daling CS-7
 - Guilu (Estrada do Demônio) Shenmai B-62
 - Guizhen (Travesseiro do Demônio) Fengfu VG-16
 - Guichuang (Cama do Demônio) Jiache E-6
 - Guishi (Mercado do Demônio) Chengqiang VC-24
 - Guiku (Cova do Demônio) Laogong P-8
 - Guitang (Sala do Demônio) Sahngxing VG-23
 - Guicang (Esconderijo do Demônio) Huiyin VC-1 em homens; ponto extra Yumen (cabeça do clitoris) nas mulheres
 - Guitui (Perna do Demônio) Quchi IG-11
 - Guifeng (Selo do Demônio) ponto extra Haiquan (debaixo da língua)

**Este ponto não está listado nos textos Chineses modernos. Ele apareceu pela primeira vez no Mil Fórmulas do Ducado de Sun Simiao no capítulo de epilepsia juntamente com os 13 Pontos do Demônio ou Fantasma e foi atribuído o nome Guikuxie (Ponto do Demônio das Lamentações) no compêndio do século 16 Introdução à Medicina (Entering Medicine – tradução livre). As descrições de sua localização não são exatas. É descrito que os polegares devem ser colocados juntos até que as unhas fiquem uma de frente para outra e que o ponto se encontra na prega entre as unhas “metade na unha e metade na carne”. Uma opinião é que ele está localizado no nível médio da unha do polegar exatamente na porção distal do Shaoshang P-11. Outra é que ele corresponde ao Shaoshang P-11 quando este ponto é utilizado para distúrbios mentais e tratado com moxabustão com os polegares um contra o outro, permitindo um único cone de moxa trate ambos os polegares. Outra fonte diz sobre este ponto “Se for feito moxabustão, o demônio virá aos prantos, revelando seu nome”.*

Apêndice 3: Instruções de Alimentação para a Síndrome Gu

Fonte: Zhigu Xinfang (Novas Abordagens para Terapia Gu), 1823.

Evitar (durante ou após o tratamento Gu): frango, pato, peixe, camarão, caracóis, lagartos, cobras, insetos de todos os tipos. Também devem ser evitados alimentos que podem “procriar facilmente vermes”, especialmente todas as formas de açúcar, mel, jujubas e outras substâncias doces.

Consumir em maior quantidade: tofu, aipo, repolho, espinafre, raiz de lótus, folhas de shiso (perilla), menta, alho, rabanete, gengibre, melão de São Caetano, fungo negro mu'er, lichia, longan (fruta chinesa semelhante à pitomba), laranjas, tangerinas, toranja (grapefruit), ameixas, romã, melão, vinagre, chá verde, cordeiro e porco. Entretanto, se qualquer um desses itens agravarem a condição, deve ser evitado.

Apêndice 4: Exercícios de Qigong para a Síndrome Gu

Nome e fonte: Yangsheng Fang Daoyin Fa (Método de Orientação de Energia para Nutrir a Vida – tradução livre), no Zhubing Yuanhou Lun (Discussão sobre as Origens e Sintomatologia de Todas as Doenças), do início do século VII.

Instruções: Ache uma posição confortável, podendo ser sentado ou deitado. Colocar seu foco interior no abdome, sentindo-o expandir quando respira e se contrair quando expira. Continue engolindo a saliva que se acumula na boca imaginando que ela é como raios e trovões que penetra cada canto do abdome. Gu é um patógeno yin escondido e estagnado, e é necessária uma constante inundação de energia yang para se livrar dele. Os raios e trovões representam os fenômenos mais yang da natureza.

Bibliografia

1. Com exceção de um estudo acadêmico feito por Paul Unschuld que examina algumas ramificações históricas e culturais, mas não clínicas do Gu. Ver Paul Unschuld, *Medicine in China: A History of Ideas*, University of Califórnia Press, 1988.
2. Chunqiu Zuo Zhuan Zhu Shu (A Detailed Annotation of the Thirteen Classics), Zhonghua Shuju, Beijing 1982, vol.2, p.1781.
3. Citado no Qi Hao, Yi, wu yu qigong (Medicine, Shamanism and Qigong), Renmin Tiyu, Beijing 1990, p.110.
4. Su Shi Yi Zhuan (Máster Su's Yijing Commentary), citado em Qugu Ranxi Lu (Máster Ranxi's treatise On Expelling Gu Toxins), em Miben Yixue Congshu (Compendium of Secret Medical Texts), vol.1, Shanghai Shudian, Shanghai 1988, p.3.
5. Qugu Ranxi Lu, p.1
6. Beishi: Sui Benji (Histories of the Northern Kingdoms: The Sui), vol.1/11, citado em ibid., p.9.

7. Ver que o relato do antropologista Ma Xueliang sobre os costumes do povo Miao, uma sociedade xamânica matriarcal que habita as margens do Lago Lougu em Yunnan: "Gouzu de zhaohun yu fanggu" (Spirit Seances and Gu Poisoning Practised by the Luo People), em Yunnan Yizu Lisu Yanjiu Wenji (A Collection of Research Articles on the Customs and Rituals of the Yi Tribes), Chengdu, Sichuan Renmin, 1983.
8. Duan Yuzai, ea., Shouwen Jie Zhu (Na Annotated Text of the Explanation of Symbolic Lines and Complex Pictograms), Shanghai Guji, Shanghai 1995 p.676.
9. Qugu Ranxi Lu, p.4.
10. Ding Guang di, Ed., Zhubing Yuanhou Lun Jiao Zhu (Na Edited and Annotated Text of the Discussion On the Origins and Syntomatology of All Disease), Renmin Weisheng, Beijing 1992, vol.1, p.723.
11. Puji Fang (Common Aid Formulas), Shanghai Guji, Shanghai 1991, vol.5, p.359.
12. Sun Simiao, Qianjin Fang (Thousand Ducat Formulas), Jilin Renmin, Jilin 1994, vol.2, p.808.
13. Chunqiu Zuo Zhuan Zhu Shu, em Shisan Jing Zhu Shu, vol.2, p.1874
14. Qugu Ranxi Lu, p.3.
15. Zhigu, Xinfang (New Approaches to Gu Therapy), capítulo "Dian Kuang Gu Lun" (Depression and Craziness as Manifestations of Gu Syndrome), em Lidai Zhongyi Zhenben Jicheng (A Collection of Precious Historical Texts in Chinese Medicine), vol.23, p.15.
16. Ver J.Pachman e S.A. Belanger, "Parasitic Infections and Psychopatology: A Preliminary Hypothesis," Journal of Biosocial Sciences, 4/1994, PP. 179-184; and N.H. Mohamed ET. AL., "Parasitic Infections Associated With Mental Retardation in Egypt," Journal of the Egyptian Society of Parasitology, 8/1991, PP.319-331.
17. Qugu Ranxi Lu, p.25.
18. Zhigu Xinfang, p.4.
19. Ver Thomas J. Brooks, The Essentials of Medical Parasitology, editora e data desconhecida.
20. Ver, por exemplo, N.E. Beckage, "Endocrine and Neuroendocrine Host-Parasite Relationships," receptor, Fall 1993, PP.233-245; G.F. Mitchell, "Co-Evolution of Parasites and Adaptive Immune responses," Immunology Today, 3/1991, PP.A2-A5; e Felipe Kierszenbaum, Ed., Parasitic Infections and The Immune System, Academic Press, 1994.
21. Ver, por exemplo, P.Scott e G. Trinchieri, "The Role of Natural Killer Cells in Host-Parasite Interactions," Current Opinions in Immunology, 2/1995, PP.34-40; Peter D. Walzer e Robert M. Genta, Eds., Parasitic Infections in the Compromised Host, Marcel Dekker, 1988; e Derek Wakelin, Immunity to Parasites: How Parasitic Infections Are Controlled, Cambridge University Press, 1996.

Este artigo foi publicado pela primeira vez no Journal of Chinese Medicine em Maio de 1998.